

Proletários de todos os Países, UNI-VOS!



# O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

## POR UMA JUSTA LINHA na construção da unidade!

**P**artindo das conclusões da VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central, a Comissão Política e toda a Direcção do Partido chegaram já à conclusão de que não tinha havido somente uma aplicação defeituosa da linha do Partido nos últimos tempos, mas também perigosos desvios dessa mesma linha, que importa agora analisarmos e combatermos, lá onde possam ainda surgir.

Os êxitos alcançados nos últimos meses pelo nosso Partido no terreno da unidade de acção põem bem a nu o sectarismo da orientação seguida anteriormente pelo Partido, mostram-nos que a nossa Direcção não foi capaz de avançar neste terreno e que se revelou nela certa estreiteza de vistas, um deficiente estudo de correlação de forças no plano nacional e internacional e a fuga a princípios básicos do Marxismo-Leninismo.

Se é certo que doutrinarmente não foi combatida ou posta em dúvida a justeza da linha política do Partido, aprovada no II.º Congresso Ilegal, em 1946, não é menos certo que se fomentou a fuga ao contacto com as massas dos activistas do Partido, julgando a nossa Direcção que assim assegurava melhor a sua defesa da repressão fascista, consentindo desta maneira que a base do Partido e as massas ficassem privadas do auxílio político desses activistas, e estes últimos do conhecimento real dos problemas e anseios das massas, e que aprendessem a melhorar o seu trabalho com as experiências e ensinamentos das suas lutas.

O trabalho dos comunistas nos sindicatos e organizações massivas foi descuidado no geral e completamente abandonado em alguns sectores, deixando assim a massa de trabalhadores sindicados privados da ajuda do Partido e desligando desta forma os militantes do Partido dumha das frentes massivas de luta legal em defesa dos interesses económicos dos trabalhadores e de educação política das massas, que são os Sindicatos e organizações massivas (colectividades, cooperativas, associações, etc.). Procedendo desta forma, nós não educámos os militantes do Partido dentro da fidelidade aos princípios Leninistas da ligação com as massas — estejam elas onde estiverem — fizemos assim um trabalho deseducativo junto da base do nosso Partido.

Esquecendo os princípios Leninistas e os ensinamentos e experiências do grande Partido Comunista da União Soviética e do movimento operário internacional, nós deixámos isolar, em parte, o nosso Partido das massas e negámos a possibilidade de entendimento e negociação com as outras forças da Oposição Democrática na luta comum contra o fascismo.

Nós colocámos o problema da unidade anti-salezarista dumha forma tão fechada que se acellávamos a unidade numa única base organizativa: o M.N.D., negando assim a possibilidade de outras pessoas que não estivessem integradas nos objectivos e métodos de acção deste Movimento se unirem e actuarem,

dando desta última forma um carácter mais largo e representativo à unidade de acção anti-salezarista e abarcando nela elementos de outros partidos democráticos e correntes anti-fascistas. Por outro lado, rechaçámos sistematicamente a negociação e um entendimento com todas as pessoas honradas que tinham incomprensões sobre o verdadeiro objectivo do Pacto do Atlântico, o que privou essas pessoas da nossa ajuda educadora e da sua colaboração organizada no movimento anti-salezarista. Esta fuga à luta de massas e à unidade com outras forças, deixou os comunistas e simpatizantes comunistas quase isolados na luta e só veio a servir o fascismo e os imperialistas estrangeiros, que assim ficaram com as mãos livres para continuarem a oprimir e a explorar o povo português.

Sob uma fraseologia de esquerda e uma agitação isolada das massas e um bocado declamatória, nós, comunistas, enganámos-nos a nós próprios, escondemos ao nosso Partido e à classe operária, sem disso nos termos apercebido, posições de fundo oportunista, que importa agora analisarmos e combatermos com toda a energia.

Não procurando por todas as formas possíveis educar e mobilizar para a luta anti-salezarista e em defesa da paz o maior número possível de portugueses honrados, fugindo à realização de tarefas difíceis e mais complexas, que requerem muito estudo e facto político, muita persistência e firmeza política por parte de todos os militantes do Partido, nós prejudicámos assim a luta do povo português pela sua libertação e respondemos às atitudes anti-unidade de certos dirigentes e partidos democráticos com posições quase idênticas. Estas posições sectárias e falhas de confiança nas massas trouxeram graves prejuízos à luta emancipadora da classe operária e do povo português e enfraqueceram política e organicamente a acção orientadora e mobilizadora do Partido na vida política nacional.

A VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central pôs a nu e combateu com energia o sectarismo existente nas fileiras do Partido e, com ele, uma viragem se operou na acção do Partido. Não nos iludamos porém: o sectarismo não está vencido nas fileiras do Partido! Muitos camaradas ainda continuam a esconder, sob um palavreado de esquerda, posições abertamente oportunistas.

Quando certos camaradas negam vontade de lutar à classe operária e às massas, tais camaradas revelam falta de confiança na classe operária e nas massas, negam a principal característica dos comunistas, que é a confiança ilimitada nas massas e, em particular, na classe operária, e caem no oportunismo.

Quando certos camaradas negam vontade de lutar aos operários da sua empresa ou da sua localidade, quando falam depreciativamente das classes trabalhadoras, dizendo que estas só querem «bota e vinho», quando dizem que os



butros não querem lutar porque têm medo, esses camaradas escondem com frases esquerdistas posições oportunistas, pois são eles e não as massas que mostram não compreender o revolucionarismo do proletariado e a disposição de luta do nosso Povo, comprovados com milhares de pequenas e grandes lutas.

Quando certos camaradas negam que os democratas da sua terra possam vir a acções de unidade com eles e, por isso, fogem ao contacto com esses democratas e a conversações persistentes, tais camaradas escondem sob a forma de posições de esquerda uma atitude oportunista, anti-leninista, pois fogem assim a um trabalho por vezes difícil, ao mesmo tempo que negam desta forma a possibilidade do Partido da classe operária alreir à unidade de acção elementos da pequena e média burguesia e das classes médias, o que está mais do que provado na vida real.

Por outro lado, embora dizendo-se de acordo com a orientação do Partido, há ainda muitos camaradas que nada fazem de concreto para levar à prática essa orientação e que oferecem, desta maneira, uma resistência passiva às directrizes do Partido. Isto prova que tais camaradas não estão inteiramente integrados na linha do Partido e não venceram ainda certas posições sectárias.

Também há camaradas que, tendo-se viciado por falta de ajuda num trabalho partidário fechado, sectário, isolando-se das massas que os cercam, ficam por isso mesmo parados e dão mostras de não compreender o que o Partido espera deles no momento presente, continuando a realizar o mesmo trabalho burocrático anterior, incapazes, até agora, de saírem do ramerrão a que se habituaram.

Finalmente, há bastantes camaradas que procuram justificar o seu sectarismo, o seu isolamento, com a repressão fascista. Em primeiro lugar, a ligação dos militantes do Partido com as massas, com os trabalhadores e democratas honrados, longe de trazer maiores perigos, antes defende melhor a acção desses militantes, que se identificam e confundem assim com a acção das massas; em segundo lugar, tais camaradas esquecem que o Partido é uma organização revolucionária do proletariado, que exige por isso dos seus militantes vontade de lutar e espírito de sacrifício. Se queremos fugir a esta realidade, desviámo-nos do Partido dos seus fins e caímos em concepções estranhas e um Partido revolucionário Marxista-Leninista, colmos no pior oportunismo.

Devemos também assinalar um factor muito importante, que muito tem contribuído para que o sectarismo tenha sido tomado, por vezes, como uma manifestação de revolucionarismo e de combatividade: referimo-nos ao baixo nível ideológico dos quadros do nosso Partido e ao seu verborrágico (de que eles não são os principais responsáveis, mas sim a nossa subestimação da importância da luta na frente ideológica). Este verborrágico dos nossos quadros e o seu baixo nível ideológico deram já origem a que tenham surgido desvios de direita e de esquerda na acção conduzida pelos comunistas no seu contacto com os elementos de outras correntes políticas e partidos.

Na medida em que os militantes e simpatizantes do Partido responderem a atitudes menos justas de alguns democratas moderados com posições de hostilidade mais ou menos idênticas, na medida em que se esqueceram que estavam a tratar com pessoas que pensam e actuam de forma diversa da nossa, tais camaradas revelarão falta de tacto e de maleabilidade política, pretenderão mais impor as suas ideias e métodos de acção do que convencer e transigir no que não era fundamental. Isto não pode ser, na verdade, a posição dos comunistas no momento presente. O que o Partido espera de cada militante é fidelidade inquebrantável aos princípios e, ao mesmo tempo, espírito de negociação, persistência

e firmeza serenas na edificação da unidade com as massas e com as outras forças democráticas.

Na medida em que certos militantes e simpatizantes do Partido, em nome da unidade, tomaram posições de inferioridade política perante outros democratas e forças democráticas, deixaram que o nosso Partido ficasse oculto e que a sua voz se não fizesse ouvir, tais camaradas caíram em posições de direita bastante perigosas e não serviram assim da melhor forma a causa da unidade, mostraram que não compreenderam que negociar, chegar a um entendimento, exigir concessões de ambas as partes e não de uma só delas, como neste caso parece que sucedeu.

Aqueles camaradas que, perante os primeiros passos dados pelo Partido no terreno da unidade de acção com outras correntes e partidos democráticos, se apressaram a considerar como moribundos ou já cadáveres os movimentos de unidade existentes no país, revelaram manifesta sublimação pela combatividade e pureza dos obreiros desses movimentos, esqueceram quanto lhes deve o povo português, a sua real influência nas massas, mostraram estar dispostos a sacrificar e a abandonar uma realidade política viva por uma perspectiva que, embora muito mais vasta e decisiva, não passava, no entanto, ainda de uma esperança para o nosso povo e para nós, comunistas. Esses camaradas esqueciam que é com os pequenos rios que se formam os grandes rios.

Aqueles camaradas e organismos do Partido que viram somente as suas atenções para a unidade pelo topo e que relegaram para um plano mais secundário a unidade com as massas, as acções de massas (como sucedeu, por exemplo, nas comemorações do 5 de Outubro), fogem à aplicação justa da linha do Partido e podem arrastar nos seus sectores o Partido para desvios de direita perigosos. A unidade pela base, a unidade com todos os trabalhadores e pessoas honradas, a unidade das massas, é a fundamental, pois é ela que dá força e dinamismo ao movimento anti-salazarista, ao mesmo tempo que fomenta e propicia a unidade pelo topo, e esta, por sua vez, a unidade das massas. A unidade nacional anti-salazarista só será uma unidade combativa e operante quando for impulsionada pela unidade das massas, quando a classe operária, os camponeses, os intelectuais, a pequena e média burguesia da cidade e do campo, estiverem unidos e organizados. Isto significa que a formação imediata de comissões de unidade na base é uma tarefa fundamental, que sem elas não criaremos as condições precisas para se criar um forte movimento nacional de unidade anti-salazarista. A unidade das massas, a unidade pela base é o factor decisivo.

Para fortalecer e alargar o espírito de unidade em todo o Partido impõe-se que o problema da unidade anti-salazarista seja amplamente discutido com todos os militantes e simpatizantes, que estes compreendam claramente os objectivos do nosso Partido e se lancem audaciosos e persistentemente na sua materialização. A discussão dos informes das camaradas Amílcar e Gomes à VI.ª Reunião Ampliada do C. C., são as bases indispensáveis para a elevação do nível político e organizativo do Partido à escala das suas necessidades de acção no plano nacional. Essa discussão em cada organismo e com cada militante não pode ser uma discussão vage e abstracta, uma discussão académica, mas sim uma discussão estreitamente ligada às condições concretas em cada sector de acção e tendo em muita conta as acções de massas e a ligação com as massas.

Só uma justa linha no terreno da unidade anti-salazarista permitirá ao nosso Partido vencer rapidamente todos os obstáculos que irão de certeza surgir na edificação de um poderoso movimento de unidade nacional anti-salazarista e conduzir com segurança e firmeza o povo português pelo caminho da sua libertação nacional.

## O SECTARISMO

O sectarismo satisfeito consigo próprio... O sectarismo satisfeito com a sua estreiteza doutrinária, com o seu divórcio da vida real das massas, satisfeito com os seus métodos simplistas e que resolve os mais complexos problemas do movimento da classe operária na base de fórmulas decaladas — o sectarismo que afirma «saber tudo» e que julga desnecessário aprender com as massas, com as lições do movimento dos trabalhadores. Em resumo, o sectarismo para quem, como ele próprio afirma, as montanhas não passam de simples pedras da calçada».

DIMITROV



# DIRECÇÃO COLECTIVA, BASE DO FORTALECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

por GOMES

A realização da VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada do Comité Central representa uma vitória da maior importância política para o Partido.

O primeiro facto que importa assinalar e recolher como experiência é o critério de direcção colectiva que presidiu à preparação da VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada. Os problemas ali discutidos foram o fruto da discussão colectiva que a Direcção do Partido fomentou não só entre as camaradas do Comité Central e dos organismos compostos por funcionários, como de organismos intermédios e de base.

Havia meses que se vinham a discutir no Partido e eram assinalados os erros de carácter sectário que estavam a impedir a realização da linha do Partido sobre os problemas de Unidade. Da mesma forma se vinha também a intensificar a discussão dos problemas de organização e a assinalar os erros de carácter sectário que impediam o fortalecimento do Partido e o estavam a desgastar das massas. Apesar das deficiências verificadas, cuja origem está na falta de vida política e orgânica que criou fundas raízes no Partido, foi este tipo de trabalho de direcção colectiva, aplicado à escala do Partido, que abriu o caminho à VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada para, ao mesmo tempo que assinalou importantes êxitos nalguns aspectos da actividade partidária, criticar as principais deficiências do nosso trabalho, preconizar as justas medidas para o combate ao sectarismo, para a criação de uma ampla Frente Nacional Anti-Salazarista e para a rectificação dos nossos erros no terreno da organização do Partido.

A discussão na VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada correspondeu, no fundamental, à discussão havida anteriormente nos organismos do Partido. Este trabalho de direcção colectiva representa o começo da rectificação prática de erros que se vinham a cometer, como a excessiva centralização das tarefas e o deficiente trabalho colectivo de direcção. Este começo de aplicação do princípio leninista da direcção colectiva, ainda muito insuficiente por motivos conspirativos, e porque é ainda forte o vício do trabalho sectário, representa uma viragem nos métodos de trabalho do Partido e revela o esforço que se fez para, mesmo nas condições da clandestinidade, fazer viver em todo o Partido o trabalho de direcção colectiva, a democracia interna e a crítica e auto-crítica.

\*\*\*

No que respeita ao capítulo da organização, a VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada sujeitou a uma viva crítica e auto-crítica as graves deficiências do trabalho de organização do Partido e preconizou importantes medidas para o seu fortalecimento.

Verificou-se uma vez mais que grande número de camaradas de organismos intermédios e das células vivem fechados sobre si próprios, não reúnem e por isso não discutem os problemas do Partido e das massas trabalhadoras. Verificou-se também que a falta de vida política e orgânica enfraquece o Partido e é o resultado do sectarismo nele existente, desliga-o das massas e impede que a sua linha política seja levada à prática.

Uma das importantes medidas preconizadas pela VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada para se revigorar a organização do Partido é que todos os organismos intermédios e as células passem a reunir com regularidade e levem à prática nas suas reuniões o princípio da direcção colectiva, da democracia interna e da crítica e auto-crítica, tornando-se desta forma organismos vivos, com vida política e orgânica.

Esta importante recomendação da VI.<sup>a</sup> Reu-

nião Ampliada do Comité Central deve ser motivo de larga discussão em todo o Partido, para que todos nós, militantes comunistas, compreendamos o seu real e decisivo valor para o fortalecimento do Partido.

A primeira condição para que a justa orientação da VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada seja levada à prática é operarmos uma viragem no estilo de trabalho de organização, liquidando os métodos sectários e pessoalistas de acção que existem no Partido.

Há por todo o país muitas empresas e localidades onde o trabalho não está estruturado, isto é, os camaradas não pertencem a qualquer organismo e o contacto entre si e com o Partido é realizado na base de contactos individuais, o que dá lugar a frequentes e perigosos encontros de rua, a maior parte deles improdutivos.

Este estilo de trabalho individualista não pode consolidar a unidade interna do Partido. O debate de ideias não é possível e, quando por vezes há divergências de opinião, os camaradas imprimem um cunho pessoalista à discussão, alheio aos interesses do Partido e prejudicial à sua Unidade.

Todas estas deficiências podem e devem ser rectificadas. Mas a rectificação na prática das nossas deficiências no terreno da organização, só será possível na medida em que todos nós, membros do Partido, compreendemos a necessidade vital para o Partido de estruturar a organização e de todos os seus organismos reunirem regularmente e discutirem os problemas vivos do Partido, das massas e da Nação.

A VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada respondeu a essa necessidade, salientando que é fundamental e decisivo para o fortalecimento da organização do Partido que cada camarada aplique constantemente na sua actividade o método de direcção colectiva, da democracia interna e da crítica e auto-crítica. Uma vez assimilado o espírito e o conteúdo destes princípios leninistas, todas as dificuldades (muitas vezes apresentadas como razões que impedem a estruturação da organização e o seu bom funcionamento) serão vencidas.

\*\*\*

Apesar de já ter passado algum tempo sobre a realização da VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada, ainda não temos exemplos fecundos que nos proveem que a orientação preconizada está a ser levada à prática. Continua a prevalecer o estilo de trabalho individualista. Reuniões de quadros e outras medidas do mesmo tipo aprovadas pela VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada não estão, salvo raras excepções, a ser realizadas.

Há camaradas que afirmam haver dificuldades em efectuar reuniões colectivas por falta de locais para a sua realização e porque os camaradas das células resistem a ir, com regularidade, às reuniões. Ao colocarem assim o problema, os camaradas não abordam o fundo da questão. O fundo da questão está em que os próprios camaradas controladores não compreendem a importância do trabalho colectivo e, habituados a um trabalho individualista e com um cunho acentuadamente praticista e rotineiro, não fazem tudo para convencer os camaradas da importância das reuniões e para procurar ali desenvolver neles o amor pelo trabalho colectivo.

A experiência do nosso Partido contradiz a opinião de que os camaradas das células e outros organismos de base se recusam a reunir e a desenvolver tarefas. Células que viviam en-



cerradas na sua própria carapaça, encontrarão local apropriado para reunir regularmente e passaram a ter vida política quando a camarada controladora soube desenvolver junto das camaradas uma justa actividade organizativa, baseada na aplicação do método da direcção colectiva, na crítica e auto-crítica e na democracia interna.

Há ainda camaradas que realizam com regularidade reuniões colectivas dos organismos que controlam mas, apesar disso, esses organismos são também organismos fechados e sem vida. Isto sucede porque as camaradas controladoras não imprimem uma justa orientação às reuniões. Fazem longas intervenções de carácter abstracto, mal ouvem as camaradas dos organismos e encarregam-nos de tarefas imprecisas, não descendo ao pormenor, o que muitas vezes é imprescindível para auxiliar as camaradas a realizar o seu trabalho.

Este estilo de reuniões, que também leva o o selo do individualismo e da ausência de trabalho colectivo, não pode dar os frutos desejados. Por um lado, leva o próprio camarada controlador a descer dos resultados do trabalho colectivo e, por outro lado, cria nos camaradas simples a ideia de que as reuniões de pouco servem. Cria-se assim uma situação que impede o desenvolvimento da organização do Partido não tanto por culpa das camaradas controladoras mas por incompreensões do camarada controlador.

Aqueles camaradas que sobrepõem ao trabalho de direcção colectiva a acção individualista violam um dos princípios fundamentais do Partido e prejudicam-no gravemente, pois as resoluções tomadas sem uma prévia discussão colectiva são sempre unilaterais. Sempre que esqueça o princípio da direcção colectiva, qualquer camarada, por mais esforçado e dinâmico que seja, não conseguirá êxitos duradouros no seu trabalho nem poderá consolidá-lo e garantir-lhe a continuidade. Um exemplo bem recente: numa localidade, o camarada X resistia à estruturação do Partido e era ele que resolvia e realizava todas as tarefas. Este camarada foi obrigado a sair da localidade sem poder apresentar os camaradas que controlava, o que ocasiona dificuldades para reatar a ligação e reorganizar ali o trabalho. Se o camarada X tivesse estruturado ali a organização e aplicado o método de direcção colectiva, o Partido poderia, quase sem quebra de ritmo, assegurar a continuidade do trabalho.

Imprimirmos, pois, a toda a nossa actividade os princípios leninistas da direcção colectiva, da democracia interna e da crítica e auto-crítica é a primeira condição para o fortalecimento da organização do Partido e para a sua ligação com as massas.

A aplicação destes princípios não diminui a responsabilidade pessoal de cada camarada. Pelo contrário, eleva-a, pois os camaradas sentem que, no desempenho do seu cargo no Partido ou na realização das tarefas que lhes foram confiadas, têm o apoio do colectivo. Isto leva cada camarada a sentir-se mais responsável pela realização das suas tarefas e a imprimir-lhe mais vigor e combatividade revolucionária. A aplicação destes princípios leva também cada camarada a sentir-se responsável pela actividade geral do Partido e a participar mais directamente na discussão e solução dos problemas do seu sector de trabalho. Numa palavra: estimula a actividade e a iniciativa dos membros do Partido.

\* \* \*

Em cada reunião devem ser distribuídas tarefas práticas a todos os camaradas, de acordo com as possibilidades de cada um. Os camaradas que têm menos experiência de trabalho prático devem ser auxiliados pacientemente, com

explicações de pormenor, para poderem obter êxitos na realização das tarefas que lhes foram distribuídas.

Em cada reunião, as camaradas nunca se devem esquecer de averiguar se foram e como foram levadas à prática as tarefas que o organismo distribuiu nas reuniões anteriores a cada uma das camaradas. Este controle de execução das tarefas em cada ponto da ordem de trabalhos, além de ser indispensável para não deixar morrer as tarefas sem chegarem a ser realizadas, permite que cada camarada compreenda melhor qual deve ser a orientação a seguir para o prosseguimento do trabalho e que se encontrem colectivamente os melhores processos para vencer as dificuldades que se lhe deparam na realização das suas tarefas.

A preparação da ordem de trabalhos, isto é, a escolha dos problemas a tratar em cada reunião, deve merecer um cuidado especial aos camaradas controladores. Cada organismo tem os seus problemas específicos e, por isso, não pode ser levada uma ordem de trabalhos igual para todos os organismos do mesmo comité regional, local ou de empresa. Por outro lado, ela deve também ter em conta as possibilidades dos camaradas de cada organismo. Há células do Partido compostas por camaradas que quase não têm reunião e que, por isso mesmo, não sentem ainda a necessidade de se efectuarem reuniões muito demoradas. Seria um erro levar para essas reuniões ordens de trabalho com numerosos pontos ou fazer longas intervenções que tomem a maior parte do tempo. Se, por exemplo, uma reunião numa célula de empresa composta por camaradas que não compreendem ainda a necessidade de efectuar reuniões muito demoradas conseguirmos, além de tratar dos problemas mais importantes dos trabalhadores da empresa, efectuar a leitura e discussão colectiva de um artigo do «Avante» ou do «Militante» e discutir os problemas da empresa, tomando resoluções para uma acção concreta de massas, podemos estar certos de que realizamos uma reunião proveitosa para o Partido, para os camaradas e para a classe trabalhadora.

A realização, de início, de reuniões simples, deste tipo, através das quais os camaradas se edudem no trabalho de direcção colectiva, é uma importante condição para o aumento da actividade dos organismos que até agora têm estado fechados sobre si próprios. Nas condições actuais do nosso trabalho, este é o caminho mais curto para a elevação do nível de trabalho desses organismos, para vencerem rapidamente o estado de paralisia em que se encontram e estarem em condições de vencer todas as dificuldades. Eles poderão num breve espaço de tempo estar em condições de mobilizar as massas da sua empresa para lutas económicas e políticas de maior envergadura.

Se a experiência nos mostra que os organismos do Partido só podem desenvolver uma actividade revolucionária e criadora justa, aplicando na sua actividade os princípios da direcção colectiva, da democracia interna e da crítica e auto-crítica, necessário se torna estar atento para impedir todas as manifestações de carácter sectário e pessoalista, partem elas donde partirem. A todas as manifestações de carácter sectário e pessoalista devemos opor o trabalho de direcção colectiva, a prática da democracia interna e da crítica e auto-crítica. Disto depende o fortalecimento da organização do nosso Partido. São estas as principais medidas preconizadas pela VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central para fortalecermos a organização do Partido. A estas tarefas devemos dedicar toda a nossa boa vontade e o melhor das nossas energias.

«Que as massas compreendam a cada momento que o Partido Comunista não tem interesses próprios, especiais, que aquilo que ele defende são os interesses do proletariado, de todo o povo no seu conjunto».

Kalinine





# COMBATER O SECTARISMO

## é uma das principais tarefas dos Partidos Comunistas e Operários

*Leitores de Liège (Bélgica); Birmingham (Inglaterra); Dacca (Paquistão); Casa Blanca (Marrocos); Havana (Cuba) pediram à Redacção do jornal «Por uma Paz Duradoura, por uma Democracia Popular» que lhe explicasse o que é o sectarismo no movimento comunista e operário e por que deve ser combatido. Publicamos abaixo a resposta dada por esse jornal.*

A experiência extremamente rica do glorioso Partido Comunista da União Soviética e do movimento Comunista internacional ensinam-nos que a força dos Partidos Comunistas e Operários reside na sua ligação inquebrantável com as massas. Cada Partido Comunista e Operário tem por tarefa e principal dever, reforçar as ligações com as amplas massas populares, estudar profundamente todas as questões que preocupam os trabalhadores, conhecer suas necessidades e aspirações, ajudá-los a formular as suas reivindicações essenciais, educá-los, dirigir a sua luta pela paz, pela liberdade, pelo progresso e pela abolição das cadeias do capitalismo. Os Partidos Comunistas e Operários executam estas tarefas, lutando intransigentemente contra todas as manifestações de oportunismo e de sectarismo.

O sectarismo é uma variante do oportunismo de esquerda no movimento operário. As suas características são a negação da tática da frente única popular, a substituição do trabalho nas organizações sindicais, cooperativas, de camponeses, de mulheres e de jovens, nas organizações de antigos combatentes, nas associações desportivas, culturais e outras organizações de massas, a substituição do trabalho parlamentar, bem como o desprezo e a desconfiança para com os trabalhadores social-democratas e católicos, operários de outras opiniões políticas e crenças religiosas e pessoas sem-partido.

O sectarismo esconde-se por detrás de frases estrondosas e de um palavreado «ultra-revolucionário», porém, na realidade, o desvio de esquerda é o companheiro do desvio de direita. Os direitistas e os «ultra-esquerdistas» são irmãos gêmeos, têm a mesma origem social, ambos ocupam uma posição oportunista, com a diferença, porém, de que os direitistas nem sempre escondem o seu oportunismo, enquanto que os esquerdistas sempre o encobrem com uma fraseologia «revolucionária».

O enorme mal do sectarismo é que ele conduz os Partidos Comunistas e Operários ao divórcio das massas, ao seu isolamento e enfraquecimento. O Partido não pode tornar-se verdadeiramente um Partido de massas que expresse os reais interesses do proletariado e de todo o povo trabalhador sem travar uma luta decidida para vencer o sectarismo. Sem isto, o Partido não pode fortalecer os seus laços com as massas proletárias e não-proletárias e levar a cabo as suas tarefas históricas.

Desde os primeiros dias da luta pela criação dum Partido de novo tipo, o grande Lénine lançou-se resolutamente, tanto contra os direitistas como contra os oportunistas de esquerda. Na sua obra genial «A doença infantil do Comunismo» ele submeteu a uma crítica esmagadora a doutrina dos «esquerdistas», a sua maneira oportunista, anti-marxista, de abordar e resolver as tarefas revolucionárias, assim como a sua recusa a desenvolver o trabalho entre as amplas massas dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo, Lénine venceu que a vanguarda, sozinha, não pode alcançar a vitória. Ele exortou os Partidos Comunistas a dirigirem a classe operária e as massas trabalhadoras, a manterem-se sempre estreitamente ligados a elas. Lénine escreveu que os Partidos Comunistas devem estar aptos «a ligarem-se, a aproximarem-se e, se quiserem, a fundir-se com as mais amplas massas dos trabalhadores, em primeiro lugar com a massa proletária, mas também com a massa dos trabalhadores não proletários». Lénine en-

sinou que é preciso dirigir com competência as massas na luta revolucionária, educá-las na base da sua própria experiência política, tomar em conta as particularidades e as condições concretas deste e daquele país, acentuando sempre que a estratégia e a tática dos Partidos Comunistas devem ser extremamente maleáveis. Os Partidos devem lançar mão de todos os meios e formas de luta susceptíveis de assegurar o êxito do movimento operário; saber combinar o trabalho ilegal com o legal; atacar audaciosamente e recuar com sangue frio, de forma organizada; recorrer a compromissos com diversos Partidos e grupos; saber tirar partido de todos os atritos, de todos os ressentimentos e desacordos no campo inimigo; substituir rapidamente uma forma de luta por outra, quando assim o exigir a situação.

Todas estas teses leninistas, que foram confirmadas pela riquíssima experiência do Partido Comunista da União Soviética e de todo o movimento Comunista internacional, valem perfeitamente para as actuais condições.

Neste momento em que os Partidos Comunistas e Operários dos países capitalistas lutam pela unidade da classe operária, pela união no seio de uma frente nacional das amplas massas trabalhadoras e de todas as forças progressistas, pela independência nacional dos seus países, é indispensável denunciar firmemente o sectarismo, cuidar incessantemente da pureza das fileiras do Partido, do reforçamento contínuo da unidade política, ideológica e de organização.

Os Partidos Comunistas e Operários não podem aceitar o sectarismo presunçoso, estreito e desligado da vida das massas, com seus métodos sumários de solução para os problemas complexos do movimento operário.

O XI.º Congresso do Partido Comunista da Bélgica, realizado no fim do ano passado, submeteu os erros sectários a uma crítica severa, porém justa. O Congresso reconheceu que erros sectários haviam sido cometidos pela direcção do Partido, principalmente no trabalho sindical. Esses erros manifestaram-se, por exemplo, nas hesitações ante o reconhecimento da Confederação Geral do Trabalho da Bélgica. Embora esta Confederação seja dirigida por homens de direita que praticam uma política de colaboração de classes, ela é uma organização sindical de massas no seio da qual os comunistas devem trabalhar e lutar. Foi salientado no Congresso do Partido Comunista da Alemanha que a existência do sectarismo no Partido retardou a realização da unidade de acção com os trabalhadores social-democratas, com os trabalhadores de outros partidos e sindicatos.

Os organismos dirigentes de certos Partidos Comunistas da América Latina, bem como de outros países capitalistas, também estão dedicando atenção a semelhantes erros sectários que causam grande prejuízo ao trabalho. Devido à sua fraca ligação com as massas, certas organizações do Partido Comunista do Chile e da Argentina, por exemplo, não contribuíram suficientemente para o desenvolvimento de uma ampla luta pelas reivindicações dos trabalhadores.

Está amplamente provado que ali onde os comunistas subestimam o trabalho nas organizações de massas ou melhor, fazendo parte dessas organizações não se tornam dentro delas os melhores defensores das



reivindicações dos trabalhadores, as forças reacçãoárias aumentam a sua influência prejudicial. O sectarismo e a passividade dos comunistas permitem às forças reacçãoárias dirigir essas organizações por um caminho falso, esmagar a luta pelas reivindicações diárias dos trabalhadores, pela solução dos problemas vitais mais importantes, criar obstáculos à luta em defesa da paz.

As organizações e os comunistas que não estabelecem nenhuma diferença entre os dirigentes socialistas de direita como Guy Mollet e Saragat (traidores conhecidos da classe operária e agentes dos incendiários de guerra) e os trabalhadores membros dos Partidos Social-Democratas ou influenciados pela ideologia social-democrata, cometem sérios erros sectários. Também não se podem aceitar os pontos de vista errados daqueles comunistas que não vêem nenhuma diferença entre os trabalhadores e as massas católicas em geral, por um lado, e os dirigentes reacçãoários das suas organizações, por outro.

O IV.º Congresso Nacional do Partido Comunista Italiano salientou que o trabalho entre os católicos está no começo, que é desenvolvido irregularmente, que se reveste ainda de um carácter muito limitado e que é efectuado com grande timidez. Os comunistas individualmente e as organizações do Partido ainda manifestam uma atitude prejudicial de superioridade em relação aos trabalhadores católicos ou mantêm-se distantes e inactivos em relação a eles.

Erros sectários são cometidos pelas organizações do Partido, que, por ocasião desta ou daquela campanha política, em lugar de um trabalho paciente e sistemático em relação à mobilização das massas, tentam substituir as organizações de massas (Comités de paz, sindicatos, etc.). Uma tal atitude não contribui para tornar mais activas as próprias organizações de massas, nem desenvolve a sua iniciativa.

Acontece que certas organizações do Partido se fecham em si próprias, renunciando a realizar o trabalho de massas ou se limitam a uma actividade de propaganda. Nessas organizações certos membros têm a estranha opinião de que é necessário poupar as forças na espera de «acções decisivas», pois no momento presente «não se pode fazer grande coisa» devido ao «baixo nível político», dos trabalhadores, etc. ... Tudo isto é estranho ao espírito do marxismo-leninismo. Reduzir a actividade do Partido a uma actividade interna e a uma propaganda abstracta de princípios gerais, significa não acreditar na necessidade e possibilidade de ganhar a maioria da classe operária e todo o povo trabalhador para o movimento da paz, para a democracia, para o socialismo.

Existe uma forma especial de «esquerdismo» que, não abrangendo uma ou outra organização no seu

conjunto, causa grande prejuízo ao seu trabalho. Referimo-nos ao comportamento individual dos comunistas nos seus locais de trabalho ou no seu convívio nas fábricas, oficinas, escritórios, herdades, escolas ou qualquer outro lugar onde o povo vive e trabalha. O membro do Partido Comunista que não se aproxima de determinado homem ou mulher, de determinado operário para lhe dar a assinar o Apelo de Viena pela única razão de que ele ou ela vai à igreja todas as semanas e lê os jornais reacçãoários; o membro do Partido Comunista que, no decurso de um dia de trabalho na sua fábrica ou escritório, não troca uma única palavra com o seu vizinho de trabalho, que está preocupado com os mesmos problemas que ele, somente por que acontece ser esse companheiro um social democrata ou católico e não é membro do movimento sindical; o membro do Partido que no comboio ou na sociedade recreativa ouve qualquer pessoa difamar o Partido Comunista e a classe operária e fica calado sob o pretexto de que não há vantagem em envolver-se numa discussão com pessoas que não compreendem coisa alguma; o membro do Partido que quando temuns momentos livres, prefere ir ao cinema, a espectáculos desportivos ou à sociedade recreativa somente em companhia de comunistas, evitando a companhia de outras pessoas que são indiscutivelmente honestas, mas com quem é «difícil conversar», porque elas nem sempre compartilham das nossas opiniões — evidentemente que este comunista, de facto, muito pouca diferença faz dos sectários.

Os comunistas contaminados pelo sectarismo evitam o contacto com as massas. Preferem seguir o caminho da menor resistência, pois o trabalho entre as massas é difícil e exige grandes esforços. O melhor meio de verificar a capacidade deste ou daquele comunista, ou desta ou daquela organização do Partido no seu conjunto é através da sua aptidão para realizar um trabalho de massas, para aplicar a política do Partido, adaptando-a às condições locais e a uma determinada situação. É precisamente a actividade intensa dos comunistas e das organizações do Partido entre as massas que permite por a nã e eliminar com êxito as tendências sectárias. As manifestações de sectarismo são previstas, combatidas e liquidadas pela elevação do nível ideológico dos comunistas e da actividade política das organizações do Partido.

A luta contra o sectarismo, contra todas as formas de oportunismo, o fortalecimento no plano ideológico, político e de organização dos Partidos Comunistas e Operários dos países capitalistas na base dos princípios do marxismo-leninismo são uma condição importante para o êxito da sua luta pela unidade de todas as forças patrióticas nacionais, pela independência nacional de seus países, pela paz e democracia e o socialismo.

1/4/55

Frederico Rossi

## COMBATEI O LIBERALISMO!

Por Mao Tse-Tung,  
Presidente do Partido Comunista da China

Nós preconizamos uma luta ideológica activa porque ela é o instrumento capaz de realisar a unidade no seio do Partido e das organizações revolucionárias, tornando-as aptas para o combate. Todos os comunistas e revolucionários devem lançar mão deste instrumento.

Porém, o liberalismo renega a luta ideológica e advoga a paz sem condições, dando como resultado que tenha surgido um estilo de trabalho decadente, acanhado, e que certos organismos e membros do Partido e das organizações revolucionárias tenham começado a degenerar politicamente.

O liberalismo manifesta-se de várias formas. Assim, se bem que se saiba claramente que um determinado elemento segue por caminho errado, o facto de ele ser um velho conhecido, um patricio, um companheiro de escola, um amigo de infância, uma pessoa querida, um velho colega ou um antigo subordinado, faz com que se não discuta com ele na base de princípios, mas, pelo contrário, deixa-se arrastar a

quele estado de coisas a fim de manter a paz e a amizade. Ou então afiora-se ligeiramente o assunto, sem procurar uma solução cabal, com o objectivo de manter a harmonia nas relações. Isto traz como resultado prejuízos para o organismo, assim como para o elemento em questão. Tal é o primeiro tipo de liberalismo.

Cair em críticas irresponsáveis, em conversas particulares sem fazer sugestões positivas aos organismos. Nada dizer na cara das pessoas e andar com falatórios nas suas costas; ou nada dizer numa reunião e andar a murmurar depois dela. Não cuidar dos princípios da vida colectiva, mas apenas de ilimitada indulgência para consigo próprio. Tal é o segundo tipo de liberalismo.

Pôr de lado as coisas que não nos dizem respeito directamente; achar que o melhor é dizer o menos possível a respeito de coisas que se sabe claramente estarem erradas; ser cauteloso a fim de salvar a própria pele e ansioso apenas em evitar as críticas. Tal é o terceiro tipo de



liberalismo.

Desobedecer a ordens e colocar as opiniões pessoais acima de tudo. Pedir dispensas de trabalho no organismo e rejeitar a sua disciplina. Tal é o quarto tipo de liberalismo.

Empenhar-se em lutas e discussões contra pontos de vista incorrectos, não no interesse da unidade, avanço ou melhoria do trabalho, mas apenas no interesse de fazer ataques pessoais, descarregar a bilis, desafogar queixas pessoais ou procurar vingança. Tal é o quinto tipo do liberalismo.

Não discutir opiniões incorrectas ao ouvi-las, e até não assimilar opiniões contra-revolucionárias, mas suportá-las calmamente como se nada tivesse acontecido. Tal é o sexto tipo de liberalismo.

Não se empenhar em realizar tarefas de propaganda e agitação; não falar às massas ou não as auscultar e procurar saber a sua opinião, mas antes abandoná-las, sem se preocupar com as suas alegrias e desgraças; esquecer que se é comunista e comportar-se como se um comunista fosse uma pessoa qualquer. Tal é o sétimo tipo de liberalismo.

Não se sentir indignado em presença de acções prejudiciais aos interesses das massas; não dissuadir, deter ou tentar esclarecer a pessoa responsável por essas acções, mas, pelo contrário, permitir-lhe que continue. Tal é o oitavo tipo.

Trabalhar com pouco entusiasmo, sem qualquer plano ou orientação definidos; trabalhar por trabalhar e deixar ir as coisas ao sabor da corrente; *«quanto for sacristão hei-de tocar o sino»*. Tal é o nono tipo.

Considerar-se como pessoa que presta serviços meritorios à Revolução e dar-se ares de veterano; ser incapaz de fazer grandes coisas, mas desdenhar as pequenas tarefas; ser descurado no trabalho e indolente no estudo. Tal é o décimo tipo de liberalismo.

Estar consciente dos próprios erros mas não fazer qualquer esforço para os corrigir e adoptar uma atitude liberal para consigo próprio. Tal é o décimo primeiro tipo.

Podíamos indicar mais alguns, mas estes onze são os principais.

Todos eles são manifestações de liberalismo.

No seio das organizações revolucionárias o liberalismo é extremamente prejudicial. É um agente corrosivo que rompe a unidade, solapa a solidariedade, provoca a inactividade e origina a discórdia. Privar as fileiras da Revolução de uma sólida organização e de estrita disciplina,

impede a realização das palavras de ordem e divorcia as organizações do Partido das massas sob a sua direcção. É uma tendência extremamente perniciosa.

O liberalismo tem a sua raiz no egoísmo da pequena burguesia, que põe os interesses pessoais em primeiro lugar, e os interesses da Revolução em segundo lugar, dando assim origem ao liberalismo ideológico, político e de organização.

Os comunistas que caem no liberalismo olham para os princípios do Marxismo como para dogmas abstractos. Aprovam o Marxismo, mas não estão preparados para o praticar ou para o praticar integralmente; não estão preparados para substituir o seu próprio liberalismo pelo Marxismo. Esses indivíduos têm o Marxismo mas têm também o liberalismo; aplicam o Marxismo para os outros e o liberalismo para eles próprios. Têm ambas as mercadorias em armazém e a qualquer delas dão o uso que mais lhes convém. Tal é o caminho que o pensamento de certas pessoas segue.

O liberalismo é uma manifestação de oportunismo e está, fundamentalmente, em conflito com o Marxismo. Tem um carácter passivo e, objectivamente, tem como consequência o ajudar o inimigo; e assim o inimigo congratula-se com a preservação do liberalismo entre nós. Sendo esta a natureza do liberalismo, não deverá haver lugar para ele nas fileiras da Revolução.

Devemos usar o espírito activo do Marxismo, para nos sobrepormos ao liberalismo e à sua passividade. Um comunista deve ser franco, leal e activo, olhando pelos interesses da Revolução como pela sua própria vida e subordinando os seus interesses pessoais aos da Revolução; deve sempre e em toda a parte aderir a princípios justos e travar infatigavelmente combate contra todas as ideias e actos incorrectos, de forma a consolidar a vida colectiva do Partido e a fortalecer os laços entre o Partido e as massas; e deve-se preocupar mais com o Partido e com as massas do que consigo próprio, preocupando-se mais com os outros do que consigo. Somente assim poderá ser considerado um comunista.

Todos os comunistas, leais e honestos, activos e firmes, se devem unir para combater as tendências liberalistas que alguns de entre nós mostram, e para os orientar numa direcção justa. Esta é uma das tarefas da nossa frente ideológica.

(Escrito em Setembro de 1937)

## OS COMUNISTAS PERANTE OS TRIBUNAIS FASCISTAS

### INTERVENÇÃO REALIZADA POR MANUEL RODRIGUES DA SILVA PERANTE O TRIBUNAL FASCISTA QUE O JULGOU, A 24 DE ABRIL DE 1951

**E**sta é a segunda vez que sou preso. É, contudo, a primeira que compareço perante um tribunal. Quando da minha primeira prisão, fui, logo ao entrar na sede da policia, espancado brutalmente, tomando parte no espancamento o próprio director, capitão Maia Mendes. O espancamento durou toda a primeira noite da prisão.

Depois, ao fim de 23 dias de rigorosa incomunicabilidade, fui atirado para o Campo da Morte Lenta do Tarrafal, onde permaneci durante 9 anos e 4 meses sem ter sido submetido a qualquer julgamento.

A história do Campo de Concentração do Tarrafal há-de fazer-se um dia. Nessa altura, todos os portugueses conhecerão, melhor do que hoje conhecem, a vida que levaram e levam aqueles que lá estiveram e os que ainda ali se encontram.

Submetidos a um regime de trabalhos forçados inteiramente desumano num clima excepcionalmente insalubre, sem quaisquer medicamentos — nem sequer

água própria para se beber — ali encontraram a morte mais de três dezenas de honestos portugueses, muitos sem julgamento, outros com as penas cumpridas e até um que linha sido absolvido pelo T.M.E.. E tudo isto pelo crime de desejarem um Portugal independente, democrático e livre das misérias que o esmagam.

Nesta minha segunda prisão pude verificar que a situação dos que são presos em nada se modificou e que novos métodos mais refinados, além dos usados anteriormente, são postos em prática pela policia politica para que os presos «falem».

As longas incomunicabilidades (eu estive rigorosamente incomunicável durante 99 dias), a tortura conhecida pelo nome de «estátua», que consiste em manter de pé os presos durante dias sem os deixar dormir, os espancamentos e as torturas morais continuam a existir. Além disso, criaram esse monstro conhecido pelo nome de «Conselho de Segurança»



destinado a cobrir a ilegalidade das prisões depois de terminada a pena, o que significa a introdução da prisão perpétua no nosso País. Isto quer dizer que a apegada modificação nos métodos de repressão se fez num sentido ainda mais desumano.

No meu processo actual, abundam as inexactidões, as calúnias, as mentiras mais descaradas: Diz-se no processo, por exemplo, que eu declarei à polícia onde residia. Isto é absolutamente falso e desafio quem quer que seja a provar o contrário do que afirmo. É falso que tivesse dado na altura da minha prisão ou depois qualquer identidade que não fosse a minha própria, como é falso que depois de voltar do Campo de Concentração do Tarrafal não tivesse trabalhado pela minha própria profissão, em mais de uma empresa. Poderia prová-lo se merecesse a pena.

\* \* \*

Fui libertado do Tarrafal pela luta do nosso Povo, após o esmagamento militar dos bandidos hilerianos levado a cabo pelos gloriosos exércitos soviéticos sob as ordens directas do grande dirigente do proletariado mundial, José Stáline.

O fim da guerra, embora tivesse libertado para sempre alguns povos que resolveram passar a escrever eles próprios a sua história e serem senhores do seu destino, não trouxe para o nosso país, apesar da vontade da maioria esmagadora do nosso Povo, expressa nas manifestações que então se realizaram, a liberdade, a democracia, e todos os direitos que lhe foram roubados pelo actual regime que, abertamente, havia apoiado, por todas as formas, os criminosos fascistas e nazis.

É indubitável que a maioria esmagadora do povo português deseja, urgentemente, uma modificação profunda na sua maneira de viver, uma modificação da situação existente no nosso país. Nós, comunistas portugueses, estamos com o nosso povo. O regime actualmente existente no nosso país é uma forma de dominação da grande burguesia reaccionária ligada aos trusts e monopólios internacionais. O regime actual é a negação da própria Liberdade e da Democracia que não satisfaz, não pode satisfazer as aspirações mais sentidas de todos os patriotas e democratas: A Independência, a Paz e o bem-estar do nosso País. Por isso, é necessária uma mudança de regime.

O regime actual leva a efeito uma política de classe, exclusiva, contrária aos interesses da Nação.

No plano nacional a política do governo é uma política de fome, de miséria e de ruína das classes trabalhadoras que se traduz nos baixos salários, no aumento do desemprego nas cidades e nos campos, na falta de Assistência e Previdência, no analfabetismo, na perseguição à cultura, no aumento da prostituição e da mortalidade infantil, no aumento da criminalidade, etc..

Não são, porém, só os operários que sofrem as consequências da política anti-nacional do governo. A chamada classe média encontra-se, também, a braços com um sem número de problemas semelhantes aos que afligem os trabalhadores que, aos poucos, lhe vai tornando a vida insuportável.

Todo o aparelho do Estado fascista não é mais do que uma arma monstruosa para a realização da política de classe da grande burguesia reaccionária que acumula lucros cada vez mais fabulosos à custa da miséria e da fome do Povo. Que isto é verdade provam-no os próprios balanços de algumas empresas publicados nos jornais. As C.R.G.E., por exemplo, tiveram lucros de cerca de 40.000 contos; e a U.E. Portuguesa apresentou um saldo de mais de 18.000 contos, a C.I.P.C. mais de 15.000 contos; o Banco de Portugal apresentou um lucro de 15.600 contos, etc. E toda esta política de classe é realizada por aqueles mesmos que negam a existência duma luta de classes.

É justamente contra este estado de coisas que os comunistas portugueses lutam.

A par desta política nociva aos interesses nacionais e porque sentem falhar-lhes o apoio do povo, os governantes actuais do país buscam, contra o seu próprio povo, o apoio de alguns governos imperialistas estrangeiros, particularmente do governo dos E.U. da América, os quais, finda a guerra, se lançaram numa política deliberada de reacção, não só contra os povos que se haviam libertado da servidão

em que viviam, mas também contra todos os que anelam, legitimamente, pelo estabelecimento nos seus países de governos verdadeiramente democráticos e independentes que dêem aos povos uma vida melhor e a Liberdade e a Paz a que têm direito.

Foi a troca das mais ruinosas concessões económicas e, inclusivamente, da entrega de parcelas importantes do território nacional aos imperialistas anglo-americanos, que os governantes actuais obtiveram o apoio que procuravam para a sua manutenção no poder contra a vontade do povo, e prosseguiram na sua política de esmagamento de todas as liberdades, de miséria e de ódio.

Procedendo assim, os governantes actuais enfeudaram completamente ao imperialismo estrangeiro os sectores mais importantes da economia nacional. É bem conhecida a existência no nosso país de companhias estrangeiras, como as «C.R.G.E.», «Carris de Ferro», «Mabor», «C. de Petróleos de Moçambique», «C. de Urânio de Tete», etc.. É também conhecida a cedência de bases aéreas em tempo de paz, como a das Lagens e da Ilha do Sal, etc..

Por outro lado, os mesmos governantes atrelaram Portugal ao carro do imperialismo americano, por intermédio da sua participação no chamado «Plano Marshall», o qual, não restam hoje dúvidas a ninguém sobre isso, é um plano de escravização económica e política dos países que o subscreveram aos monopólios americanos.

Esta política anti-nacional dos governantes do nosso país torna-se ainda mais perigosa porquanto associa estreitamente Portugal à política de guerra do imperialismo americano.

Com efeito, os novos fomentadores de guerra são, em primeiro lugar, os imperialistas americanos que se propuseram substituir Hitler e a camarilha nazi nos seus loucos desígnios de domínio mundial.

Terminada a guerra, os senhores do dólar encontraram-se na posse de riquezas formidáveis e dum potencial industrial sem precedentes na história. Paralelamente a esta situação, os países da Europa, destruídos, viam-se a braços com os enormes problemas suscitados pela reconstrução. Era natural que os monopólios americanos vissem aí uma presa fácil e uma compensação para os lucros fabulosos que a guerra lhes proporcionara e que, terminada ela, iriam decair. Daí os seus planos, pretensamente filantrópicos, de dominação económica desses países e, através dela, de dominação política. Estes planos pareciam-lhes tanto mais fáceis de realizar, quanto é certo que, em vários países, encontraram governantes dispostos a trair os interesses nacionais em proveito dos senhores do dólar.

Esses planos não tinham, porém, em consideração as leis da história. A crise que sobreveio à guerra e as transformações profundas verificadas após a guerra nalguns países e, duma maneira geral, a transformação operada na maneira de pensar de todos os povos, não foram tidas em conta pelos senhores do dólar. Não existe hoje uma pessoa honesta que não compreenda o verdadeiro sentido dos planos americanos, do mesmo modo que não restam dúvidas sobre o fracasso desses planos.

Como única alternativa para parar a crise que se desenvolve, os imperialistas americanos só vêem a guerra. E, uma vez mais, se pode verificar a justeza da frase de Jaurès: *O imperialismo trás em si a guerra como a nuvem trás a tempestade*.

O «Pacto do Atlântico» elaborado pelos governantes dos E.U. e no qual os governantes portugueses participam activamente, não passa duma coligação com fins de guerra agressiva contra povos livres que amam a paz. A desenfreada corrida aos armamentos levada a efeito pelos países signatários do Pacto, de que os Estados Unidos são os principais motores, ao mesmo tempo que se está reflectindo no abaixamento geral do nível de vida dos povos desses países a quem se pedem todos os dias novos sacrifícios, avoluma cada vez mais os perigos de guerra. As riquezas fabulosas que são investidas nos orçamentos de guerra tornam mais pobres todos os países e tendem como contrapartida maiores destruições e a ceifa de mais uns milhões de vidas humanas, sobretudo de vidas jovens que são a melhor esperança do futuro dos povos. Já na Coreia mártir se estão verificando os resultados da política agressiva dos governantes dos Estados Unidos cujo orçamento de guerra para o ano de 1951 prevê para despesas mi-



litares 50 bilhões de dólares (1.400 milhões de contos) ou seja mais de 68% do seu orçamento geral. Qual é, entretanto, a guerra que os imperialistas anglo-americanos preparam? A guerra que eles preparam será, se não for a tempo parada por todos os homens amantes da Paz, a guerra atômica, química, bacteriológica ... Assim o proclamou o reitor da Universidade americana de Tampa ao dizer: *Eu considero que nós devemos realizar uma preparação total, baseando-nos na lei da selva; cada um deve aprender a ciência de matar; eu apoiarei a guerra bacteriológica, a utilização dos gases asfixiantes, as bombas atômicas, as bombas de hidrogénio e os projecteis dirigidos inter-continentalmente*. E este monstro urrava: *« Eu não pedirei piedade para os hospitais, as igrejas, as escolas ou para tal ou tal grupo da população »*. Isto é, como vemos, bem edificante e dispensa comentários.

Os governantes portugueses estão ligados pelos seus compromissos à política de guerra do imperialismo anglo-americano. Foi o próprio presidente do Conselho quem, num discurso pronunciado logo após o termo da guerra, disse que Portugal não seria mais neutral. Referia-se, sem dúvida, à guerra que ele sabia se iria preparar contra os povos soviéticos e os países de Democracia Popular. No nosso país podemos verificar as verbas cada vez maiores destinadas à preparação de guerra e a obras de carácter militar. Segundo afirmou recentemente na Assembleia pseudo-Nacional o deputado engenheiro Mendes do Amaral, em 15 anos foram gastos com a defesa nacional 4.200.000 contos e mais 2.800.000 contos em despesas excepcionais de guerra. Isto quer dizer que cerca de 45% de todo o dinheiro gasto nesses 15 anos foram gastos no orçamento de guerra. E o eng. Mendes do Amaral diz não serem necessários comentários *« sobre esta dramática parcela dos nossos sacrifícios tributários absorvidos pelas despesas de guerra »*. A acrescentar a esta soma enorme há, ainda, 435.000 contos gastos com edifícios militares que estão incluídos no orçamento do Ministério das Obras Públicas e centenas de milhar de contos incluídos nos orçamentos de outros ministérios e gastos em obras de carácter militar, como estradas estratégicas, aeródromos militares, etc. Em contrapartida, nos mesmos 15 anos gastaram-se com escolas, liceus, universidades e estádios somente 500.000 contos.

Esta é a verdade dos factos e ninguém de boa fé pode ter dúvidas sobre os verdadeiros propósitos dos que realizam semelhante política. A própria imprensa fascista dá um realce particular à política de guerra imperialista com o objectivo claro de preparar o ambiente. É a chamada guerra psicológica. É que esta orientação da imprensa é dirigida pelos próprios organismos oficiais, prova-o facto de um funcionário da Comissão de Censura dizer a alguém dum jornal, referindo-se à orientação que tem de ser seguida: *« E, sobretudo, fixe bem isto: nada de falar contra a guerra »*.

É claro o alinhamento dos governantes portugueses ao lado dos fautores de guerra, contra a vontade do povo português que ama a paz.

Toda esta política de guerra é dirigida contra países que amam a paz e desejam continuar em paz o seu trabalho criador.

Em contraste com a política de guerra das chamadas potências ocidentais, o que verificamos nós por parte da URSS acusada de ser a causa do actual mal-estar no mundo?

É indubitável que a URSS é, de entre todos os países do mundo, o que maior contribuição tem dado e continua a dar à causa da paz. Isto sucede porque, pela sua estrutura económica e política, a URSS não tem nem pode ter quaisquer fins de carácter agressivo ou de conquista. Os homens responsáveis da URSS sempre afirmaram ser possível a coexistência de sistemas políticos diferentes. Nunca da boca de qualquer dirigente soviético saiu uma palavra que pudesse interpretar-se como provocatória ou de incitamento à guerra. Ainda há pouco tempo o « Jornal do Comércio », de Lisboa, publicou a notícia de que o Soviète Supremo da URSS promulgou uma lei banning toda e qualquer propaganda de guerra e estabelecendo a pena de 25 anos de prisão para todo aquele que transgredia, dedicando-se seja a que propaganda bélica for.

É bem sabido que toda a política da URSS nas

Nações Unidas e fora delas é uma política de paz e respeito pela independência e soberania nacionais de todos os outros povos, pequenos ou grandes.

Apesar da política de silêncio que em volta delas se tem pretendido fazer, são conhecidas de todo o mundo as propostas da URSS para o desarmamento e a interdição das armas de destruição em massa, entre as quais a bomba atômica, e a cooperação entre as nações num plano de completa igualdade. A todas as propostas sinceras de paz feitas pela URSS os governantes anglo-americanos têm respondido com o estafado estribilho de que isso é propaganda...

É por este motivo, porque os povos soviéticos são povos amantes da Paz e desejam viver em paz e amizade com todos os outros povos, é porque os povos soviéticos não têm, nem podem ter, designios de conquista ou escravização de outros povos que nós, comunistas portugueses, afirmamos que o povo português, amante da paz e desejoso de viver em paz com os povos dos outros países, não pegará em armas contra os povos soviéticos e o Exército Soviético se, apesar de todos os esforços daqueles que amam a paz, os criminosos fomentadores de guerra conseguirem arrastar os povos para uma nova carnificina.

Nós, comunistas portugueses, desejamos que entre o nosso povo e os povos dos outros países existam relações de amizade num pé de perfeita igualdade de direitos e deveres.

A acusação de que o meu Partido, o Partido Comunista, é uma associação secreta carece absolutamente de fundamento. Nada do que caracteriza uma associação secreta existe no meu Partido. Nem os rituais, nem os métodos de organização e actuação que caracterizam as associações secretas são preconizados ou praticados pelo meu Partido.

A clandestinidade mais rigorosa em que o Partido Comunista se vê forçado a viver e lutar são-lhe impostas pela perseguição feroz que lhe é movida pelos governantes do nosso país. Só a inexistência absoluta, em Portugal, dos mais elementares direitos democráticos dos cidadãos, como o direito de associação, o direito de reunião, o direito que cada um deve ter de exprimir livremente o que pensa, forçam o Partido Comunista a viver e lutar na mais apertada clandestinidade. Não é por que assim o deseje que P.C. existe clandestinamente.

No meu Partido, o Partido Comunista, existe a mais perfeita democracia interna. Todos os membros do Partido Comunista têm o direito de expressar livremente as suas opiniões, de discutir todos os problemas que lhes são colocados pelas reivindicações económicas e políticas não simplesmente dos trabalhadores, mas também das mais largas camadas do povo português. Todos os membros do Partido Comunista têm não só o direito, mas também o dever de discutir os problemas que comportam a defesa da paz, da independência e soberania nacionais e o estabelecimento no nosso país de um regime verdadeiramente democrático, na base dum governo de concentração nacional, que dê ao povo português as liberdades que os governantes fascistas lhe roubaram e a Portugal a independência e a paz que uma política anti-nacional lhe fez perder.

O Partido Comunista não esconde, nunca escondeu, os métodos de organização e actuação que preconiza e aconselha aos patriotas da nossa terra. Em todas as publicações do Partido Comunista esta afirmação pode ser comprovada. Mais ainda: São as lutas do nosso próprio povo, é a sua experiência que exige ao P.C. que ele se trata de adoptar novos métodos de organização, novos processos de luta.

É evidente que, nas condições existentes actualmente no nosso país, não é possível conduzir a luta pela defesa das reivindicações económicas e políticas do povo português, não é possível lutar-se pela defesa da paz e da independência nacional, não é possível lutar-se pela Democracia, se não se aliar a actividade legal à actividade clandestina. Seria loucura rematada querer lutar contra um regime ilegal, que não respeita as suas próprias leis, que pratica toda a casta de ilegalidades — este mesmo julgamento é uma ilegalidade — somente por formas legais. Qualquer tentativa nesse sentido estaria de antemão condenada ao fracasso. E nós, comunistas, temos a certeza do triunfo da nossa grande causa, porque ela é a própria causa do povo e da Pátria.



\* \* \*

Mas quer isto dizer que o Partido Comunista pretende o derrubamento do governo por meios ilegais como diz a acusação? Não, isto não quer dizer o que a acusação pretende.

Nós, comunistas portugueses, ansiamos mais do que ninguém pela solução pacífica do problema político português. Desde há muito que nós reclamamos a realização de eleições livres, para uma Assembleia Constituinte, através das quais o nosso Povo escolha livremente os seus governantes e a forma de governo que melhor entender. E os comunistas portugueses reclamam isto, apesar da Constituição vigente ser anti-democrática e da lei eleitoral não corresponder aos interesses nacionais.

Todavia, tanto nas eleições para a Assembleia Nacional em 1945 e 1949 como nas eleições presidenciais em Fevereiro de 1949, em que os comunistas, juntamente com todos os democratas, aceitaram que se fizesse a demonstração da vontade popular, o governo desrespeitou as suas próprias leis e a Constituição que ele mesmo fez.

Não se limitam, porém, a estes casos as ilegalidades e a inconstitucionalidade da acção governamental. Sempre que nos Sindicatos Nacionais e nas Casas do Povo, os trabalhadores pretendem, ao abrigo da Lei, fazer valer os seus direitos, a Lei é sofismada, espezinhada, adulterada... Lança-se mão da intimidação, das perseguições, da repressão mais violenta. Isto sucede, não por que os meios de acção sejam ilegais, mas porque as classes laboriosas não defendem os interesses dos trusts e monopólios nacionais e internacionais a que a camarilha fascista está ligada.

A ilegalidade dos métodos governamentais manifesta-se ainda na existência do «Campo da Morte Lenta do Tarrafal» onde permaneceram, durante largos anos sem julgamento, dezenas e dezenas de honestos portugueses, entre os quais eu próprio, e onde muitos encontraram a morte depois de terem cumprido já as suas penas, como Alfredo Caldeira e até um, Rafael Tobias, absolvido pelo Tribunal Militar Especial.

Nestas condições, repito, uma força política que queira defender os interesses nacionais tem, necessariamente, que aliar a actividade legal com a actividade clandestina.

E se a persistência dos governantes ilegais forçar o nosso povo a responder com a força aos seus métodos ilegais de força, de ódio e de brutal repressão, nós, comunistas portugueses, estaremos como sempre ao lado do nosso povo.

\* \* \*

A acusação de terrorismo feita aos comunistas não passa duma calúnia com que se pretende atingir o Partido Comunista e os seus militantes.

Nós, comunistas, sabemos perfeitamente que o terrorismo como método de acção nunca serviu, não pode servir os objectivos da grande causa por que lutamos. O terrorismo é um processo desesperado de acção de que lançam mão exclusivamente os desesperados, aqueles que se encontram inteiramente separados da grande massa do Povo, aqueles cujos objectivos e interesses são contrários aos interesses do Povo. Nós, comunistas, temos confiança no futuro da nossa causa. Nós gozamos da confiança do Povo, porque os interesses do Povo são os nossos próprios interesses.

E não é só teoricamente que nós, comunistas, somos contrários ao emprego do terrorismo como método de luta. Com efeito, nós não nos limitamos a tomar conhecimento da condenação dos métodos terroristas feita por Marx, Engels, Lênine e Stáline e todos os grandes mestres do Movimento Comunista Mundial. Nós não podemos apresentar uma única prova contra o Partido Comunista Português de defesa de terrorismo. Nem um artigo, nem uma resolução, nem sequer uma intervenção na discussão dos métodos de luta preconizados pelo Partido Comunista poderá ser apresentado em que seja feita a defesa do terrorismo.

Os métodos de acção preconizados pelo Partido Comunista são a organização e a luta organizada, na base da maior unidade, não só dos trabalhadores, mas de todos os homens honrados de Portu-

gal, para a defesa de todas as suas reivindicações políticas e económicas.

Eu não quero, todavia, dizer que em Portugal se não pratique o terrorismo político. Mas quem o pratica, quem são os terroristas no nosso país? São precisamente aqueles que pretendem acusar-nos. É o governo e a sua polícia quem pratica em Portugal o terrorismo político. A prova-lo estão os assassínios cometidos nas pessoas de alguns dos melhores filhos do nosso povo como Alfredo Dinis, Militão, Ferreira Marques, Germano Vidigal, M. Tomé, Bento Gonçalves, Patuleia, Ferreira Soares, Alfredo Caldeira, António Guerra e dezenas de mortos no Campo da Morte Lenta do Tarrafal. A prova-lo estão os métodos usados pela polícia política e os processos repressivos usados sempre que ordinarmente o Povo deseja manifestar os seus sentimentos democráticos. A prova-lo estão os processos de intimidação, de chantagem e a repressão contra os trabalhadores sempre que formulam as suas justas reivindicações... Eu quero recordar ainda que foi o próprio Presidente do Conselho quem se referiu, numa entrevista concedida a um jornalista, aos «safões a tempo».

É claro que se alguém deve ser julgado pela prática de terrorismo não são os comunistas, mas os governantes actuais.

\* \* \*

Diz ainda a acusação que o Partido Comunista não é um Partido nacional.

Nós, comunistas, somos homens e mulheres saídos do nosso povo. O nosso Partido mergulha as suas raízes nas mais profundas camadas do povo. Nós somos os directos continuadores daqueles que em 1383 elevaram ao trono o Mestre de Avis contra os traidores vendidos ao estrangeiro. Nós somos os herdeiros dos que em 1640 expulsaram o invasor castelhano, restaurando a independência nacional. Nós descendemos dos que, nos passos mais progressivos da nossa história, souberam sempre colocar como dever principal a independência da nossa Pátria e a soberania nacional. Pelo contrário, foi e é nas classes dominantes, corrompidas, que se incubou e incuba sempre a traição, como o prova a nossa própria história.

Os nossos acusadores não são capazes de apresentar uma única prova de que o Partido Comunista Português não é um Partido exclusivamente nacional.

O que há de comum entre o nosso Partido e os Partidos Comunistas irmãos do estrangeiro é que todos se orientam, na sua actividade nacional, pelas teorias de Marx e Engels fundadas e de que Lênine e Stáline foram os continuadores mais geniais.

O Partido Comunista Português conta com o apoio activo ou com a simpatia dos operários, dos camponeses, de todos os trabalhadores honrados manuais ou intelectuais, da juventude, das mulheres, dos povos coloniais, de todos os democratas sinceros de Portugal.

As calúnias infames dos que pretendem acusar-nos de degenerescência nacional não nos atingem. A grande maioria da Nação pensa que não são os comunistas que devem ser julgados por agirem contra os interesses nacionais, por traírem os interesses do Povo e da Pátria. A grande maioria da Nação pensa, pelo contrário, que os nossos acusadores é que devem ser julgados.

\* \* \*

Suponho ter respondido, no fundamental, às acusações que me foram feitas. Ides, ilegalmente, julgar-me. Qualquer que seja o resultado desse julgamento, uma conclusão se pode já tirar: As vossas leis desumanas e anti-nacionais, porque contrárias aos interesses do povo, não conseguirão encobrir os crimes e a política de traição nacional dos actuais governantes do país. As acusações e as calúnias lançadas contra o Partido Comunista e os seus militantes não conseguirão atingi-los, bem pelo contrário. Poderão estar certos de que nada conseguirão deter o povo português no seu caminho para a libertação e a Democracia.

Hoje sois vós os julgadores, mas não vos longe o dia em que será o povo de um Portugal livre quem julgará....



# O SECTARISMO E A SUA INFLUÊNCIA NO TRATAMENTO COM OS QUADROS

por CARLOS

O sectarismo é o resultado duma deficiente análise, duma análise não marxista-leninista da situação política, da correlação de forças, das possibilidades do Partido, das nossas próprias possibilidades, de tudo, enfim, que é objecto da nossa análise.

Isto quer dizer o seguinte: Por exemplo, quando afirmamos que temos sido sectários em relação ao trabalho nos Sindicatos, isso prova que temos feito uma análise deficiente, não marxista-leninista, do papel e da importância dos Sindicatos Nacionais.

Daqui resulta que é o baixo nível ideológico que explica o desvio sectário (como qualquer desvio) no trabalho do Partido.

Compreende-se que tal desvio não surja, em regra, especificado num só aspecto da actividade do Partido, mas apareça, sim, a influenciar diversos aspectos.

Igualmente se entende que se há uma análise deficiente, se existe um deficiente nível ideológico, em alguns aspectos podemos desviar-nos para um lado e em outros aspectos podemos desviar-nos para o outro, quer dizer, podemos cair para a esquerda ou para a direita. Dum modo geral e simples dizemos que caímos para a esquerda quando queremos mais do que é justo querer, quando queremos ir à frente do que é possível fazer, quando sobrestimamos as nossas possibilidades de acção, e caímos para a direita quando fazemos menos do que é justo fazer, quando vamos atrás dos acontecimentos, quando subestimamos as nossas possibilidades de acção.

Está claro, agora, para o nosso Partido, que temos caído principalmente para a esquerda.

Qual a influência que esta nossa queda para a esquerda teve no que respeita ao tratamento com os quadros do Partido?

No que respeita ao tratamento com os quadros, o sectarismo tem como raíz uma deficiente análise do papel e da importância dos quadros que leva, por um lado, a cairmos numa subestimação em relação aos quadros — o que significa presunção — e, por outro, a exigir dos quadros o que eles não podem dar.

Vejamos quais as consequências.

Em primeiro lugar, como consequência do sectarismo no que respeita aos quadros, *existe dentro do nosso Partido um grande desconhecimento dos quadros*. Muitos camaradas (mesmo funcionários do Partido) pouco ou nada se preocupam em conhecer as qualidades e os defeitos dos quadros. Por vezes só conhecem alguma coisa dos quadros com quem contactam directamente, mas mesmo em relação a estes o conhecimento é superficial, porque é deficiente o controle de execução e porque não é aproveitado o contacto directo, nas reuniões e em encontros, para aprofundar esse conhecimento, procurando aperceber-se do que o quadro sente e pense, do que ele é capaz, quais as suas dificuldades e deficiências, etc.

Em segundo lugar, como consequência do sectarismo no que respeita aos quadros, *existem graves deficiências na ajuda a eles*. Os quadros não são ajudados pacientemente no seu trabalho, de modo a vencerem as suas dificuldades e a compreenderem que são capazes de fazer o que se lhes põe. Muitas vezes colocam-se tarefas de «chape», sem a ajuda suficiente e quando o quadro depois nos põe as dificuldades que o levaram ao não cumprimento «do que fica assentes» cai-se em cima do quadro quando nos devíamos era virar contra nós próprios. O não cumprimento de tarefas, as deficiências que surgem constantemente no trabalho do Partido são muitas vezes produto de uma falta de ajuda aos quadros, de não lhes explicarmos, até eles compreenderem, como devem actuar, como devem vencer as dificuldades que possam encontrar. Outras vezes, particularmente em relação a camaradas pouco experientes ou com certas limitações, colocam-se tantos problemas, levantam-se-lhes tantas questões que eles, ante a impossibilidade de as resol-

ver, recuam e por vezes fogem.

Em terceiro lugar, como consequência do sectarismo no que respeita aos quadros, *estes não são ouvidos convenientemente nas suas críticas, nas suas sugestões, nas suas iniciativas*. Em regra, o controlador aparece sempre perante os quadros controlados como o possuidor da verdade, o responsável pelas resoluções, e as discussões limitam-se muitas vezes a estes contarem o que foi realizado e ao controlador resolver o que se há-de realizar. Esta falta tremenda de democracia interna ala os quadros, prejudica enormemente o seu desenvolvimento e impede o Partido de colher as ricas iniciativas, sugestões e críticas de todos os seus membros. No que respeita às críticas de baixo para cima, em primeiro lugar, elas não são estimuladas, pois chega a ser regra só serem ouvidas quando são injustas para possibilitar uma crítica àquele que «ousou» criticar. Quando as críticas são justas «não vale a pena dizer nada ao camarada que as fez». Mas além de não serem estimuladas, muitas vezes elas são abafadas, quer pelas caras, quer pelas palavras com que são recebidas.

Em quarto lugar, em consequência do sectarismo no que respeita aos quadros, *as críticas que lhes são feitas tomam por vezes formas pouco correctas e mesmo, por vezes, um conteúdo falso, produto de não se ter sabido ouvir*. As caras feias e o tom zangado da voz, o rosário de erros, por vezes já muito antigos, que são postos em cima da mesa, o não ler-se em conta a experiência e a compreensão dos quadros criticados, o não se procurar apontar os lados positivos dos quadros, o não se explicar suficientemente as raízes dos erros de modo à crítica ser entendida, o recurso a frases feitas que, sem mais explicação, nada ajudam, como «isso é oportunismo», «isso é presunção», «isso é falta de confiança no Partido», etc., etc., tudo isto prejudica as críticas e desajuda os quadros.

Em quinto lugar, em consequência do sectarismo no que respeita aos quadros, *foram tomadas resoluções orgânicas que não eram justas*. Algumas resoluções orgânicas tomadas pelo Partido, que chegaram ao ajustamento e à expulsão não foram suficientemente cuidadas, não foi feito tudo para ajudar os camaradas a vencer as suas incompreensões ou vacilações, foi-se precipitado, duro demais, foi-se sectário.

Para modificar esta situação, para varrer o sectarismo no que respeita aos quadros, o que é necessário, antes de tudo, é ter do papel e da importância dos quadros uma compreensão justa, uma compreensão marxista-leninista.

O que nos ensinam a esse respeito os nossos mestres?

Eis algumas ideias fundamentais deixadas pelo nosso saudoso camarada Stáline:

— «A palavra de ordem «os quadros decidem tudo» exige que os nossos dirigentes mostrem a maior solicitude pelos nossos trabalhadores, «pequenos» e «grandes», seja qual for o campo em que trabalham; que os instrua com cuidado, que os ajudem quando tenham necessidade de apoio, que os encorajem nos primeiros sucessos, que os façam avançar, etc.. Ora a verdade é que observamos muitos exemplos de seco burocratismo, uma atitude francamente escandalosa em relação aos nossos colaboradores. Em lugar de aprenderem a conhecer primeiro os homens para depois lhes confiarem as tarefas, deslocam-nos muitas vezes como se fossem simples peças.»

— «É preciso enfim compreender que de todos os capitais preciosos que existem no mundo o mais precioso e mais decisivo, são os homens, os quadros.» (Discurso pronunciado



no Palácio do Kremlin por ocasião da promoção dos alunos da Academia do Exército Vermelho — 4-5-35.)

— «Esta verdade é que alguns membros do nosso Partido pecam por uma grande falta de atenção pelos homens, pelos membros do Partido, pelos militantes. Mais ainda. Não procuram conhecer os membros do Partido, não sabem como vivem nem como trabalham, duma maneira geral não conhecem os militantes. Por isso, na sua maneira de abordar os membros do Partido, não têm em conta o factor individual.»

— «Esta atitude de seca indiferença em relação às pessoas, em relação aos membros e militantes do Partido cria o descontentamento e a irritação de certos contingentes do Partido, e os traidores fascistas aproveitam-se habilmente destes camaradas irritados...»

(Discurso de encerramento da discussão do Informe apresentado à Assembleia Plenária do C.C. do Partido Comunista da URSS — 5/3/1937).

Estas ideias do nosso camarada Staline ajudam-nos a encontrar o verdadeiro caminho no que respeita ao tratamento com os quadros.

Que devemos concluir então?

a) - Os quadros, o nosso capital mais precioso, devem ser acompanhados cuidadosamente, ajudados convenientemente, encorajados no cumprimento das suas tarefas.

b) - Para isso é indispensável conhecer bem os quadros. Todos os quadros são diferentes e não se pode deixar de ter em conta o factor individual. Os quadros não são piões.

c) - Há que distribuir a cada quadro a tarefa que melhor lhe caiba, o que pressupõe que é errado dar-lhes tarefas a mais (como a menos, igualmente) para as suas disposições e capacidade.

d) - Para fomentar as críticas e sugestões de baixo para cima é necessário, em primeiro lugar, criar condições de vontade, de interesse nessas críticas e sugestões. Em segundo lugar, é preciso que as críticas e sugestões feitas sejam sempre bem recebidas. Se a sugestão ou crítica é justa, isto deve ser sempre notado ao camarada que a fez. Se não for no fundamental justa, deve-se, além de se esclarecer o que há de injusto, não deixar de salientar o que nela haja de justo, por mínimo que seja, e ainda

da que o próprio facto de se ter feito a sugestão ou crítica, representa por si só interesse pelo trabalho do Partido, interesse que deve, portanto, continuar e desenvolver-se. Muitas vezes bastam poucas palavras ou um pequeno bilhete de encorajamento para abrir as portas às críticas e sugestões dos quadros, necessárias, imprescindíveis, para o melhoramento do trabalho do Partido. Como disse o camarada Melnikov no XIXº Congresso do Partido Comunista da União Soviética: «é um erro acreditar que a crítica de baixo para cima possa desenvolver-se por si própria, espontaneamente.»

e) - É necessário fomentar a iniciativa dos quadros, desenvolver a democracia interna no Partido. Para isso é preciso que nas reuniões partidárias as opiniões de todos os camaradas sejam bem ouvidas e, em muitos casos, é mesmo preciso pedir essas opiniões. Sempre que haja opiniões divergentes dos quadros controlados, o controlador deve procurar não impor mas esclarecer, pacientemente, a sua opinião. Se for necessária uma resolução imediata, ela não deve deixar de ser tomada de acordo com a opinião da maioria, devendo o camarada controlador desempenhar, se for caso disso, mas as opiniões divergentes dos camaradas devem ser sempre levadas ao conhecimento do organismo superior independentemente de ser esse o desejo do controlado.

f) - As críticas feitas aos quadros devem ser justas, objectivas e esclarecedoras no seu conteúdo e devem ajudar na sua forma. Deve-se procurar que o criticado não só compreenda a razão da crítica como fique certo da possibilidade de eliminar o que a provocou. Para isso há que atender sempre à experiência e à compreensão do criticado.

g) - Qualquer medida orgânica em relação a um quadro deve ser sempre muito cuidada e não se deve deixar de recorrer a todas as possibilidades de ajuda ao quadro. Aqui o conhecimento correcto do factor individual tem em regra uma especial importância.

h) - A qualquer quadro criticado ou sancionado deve sempre ser permitido apelar para os órgãos superiores do Partido. Mesmo que o quadro não o queira fazer, desde que ele não se mostre de acordo com a crítica ou a sanção, disso deve ser sempre dado conhecimento ao escalão superior.

Eis algumas conclusões para vencermos o sectarismo existente nas fileiras do Partido no que diz respeito aos quadros.

## POR UM FORTE IMPULSO AO TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO!

O Partido precisa de se alargar e fortalecer, precisa de fazer ouvir a sua voz e de desenvolver a sua acção em todas as cidades, vilas e aldeias do nosso País. Todas as organizações e camaradas podem e devem dar uma ajuda decisiva a esta importante tarefa de engrandecer o Partido.

A VIª Reunião Ampliada do Comité Central verificou várias deficiências no terreno da organização e encorajou medidas para se alargar e fortalecer a organização do Partido. Todos os camaradas se devem esforçar por levá-las à prática.

Eis algumas dessas medidas, destinadas a dar um novo impulso à organização do Partido:

— As organizações locais devem encetar como uma tarefa da maior importância a criação de organizações nas localidades próximas.

— As organizações de empresa devem aumentar o número de membros do Partido na sua própria empresa e recrutar novos camaradas noutras empresas, montando ali novas células, particularmente nas empresas mais importantes.

— Todos os camaradas devem procurar trazer ao Partido novos camaradas, mesmo de localidades ou regiões distantes. Se cada camarada compreender a importância do recrutamento de novos membros para o Partido, lembrar-se-á de um homem ou de uma mulher dignos de ingressar nas fileiras do Partido. Os camaradas que são da província e moram na cidade poderão também recrutar novos membros na terra da sua naturalidade. Os homens e mulheres que se tenham destacado nas lutas de massas devem

ser os primeiros a ser recrutados.

— Há simpatizantes do Partido que nele desejam ingressar. É nosso dever trazê-los ao Partido. Há outros dispostos a desenvolver alguma actividade. É nosso dever dar-lhes tarefas.

— Há organizações que, devido à repressão fascista, perderam o contacto com o Partido. Os camaradas que tenham conhecimento de organismos do Partido nestas condições devem esforçar-se por reatar a ligação, comunicando o facto ao Comité Central.

— Para o desenvolvimento do trabalho de organização nas forças armadas, os membros do Partido devem enviar ao Comité Central credenciais para camaradas soldados. Os camaradas que conheçam guardas fiscais, da G.N.R. e da P.S.P. que sejam honestos e estejam dispostos a ingressar no Partido, devem recrutá-los e enviar ao Comité Central as credenciais para serem procurados.

— Para que a voz do Partido chegue ao maior número possível de pessoas, todos os camaradas e simpatizantes devem enviar o «AVANTE!» a pessoas honestas e suas conhecidas, particularmente operários e camponeses.

Se cada camarada recrutar um novo camarada para o Partido, se cada célula de empresa fornecer ligações para se organizar uma nova célula noutra empresa, duplicaremos em pouco tempo o número de camaradas e de células de empresa!

Avante, pelo engrandecimento do Partido!